



“Antigos”, mas sempre presentes*

"Old", but always present

Nancy Rozenchan**

Resumo: Os estudiosos da atualidade dificilmente têm conhecimento do ídiche e, de todo modo, precisam desdobrar-se entre os autores antigos, os modernos e os contemporâneos num universo cultural cujas dimensões seriam outrora inimaginadas. Alguns talvez sequer desconfiam do valor que aquelas obras ainda oferecem. Quanto é possível, nos tempos atuais, desdobrar-se e ater-se àquilo que os antigos autores nos legaram?

Palavras-chave: Literatura iídiche. Mendel Mokher Sfarim. Martin Walser.

Abstract: The scholars of today hardly have knowledge of Yiddish and, anyway, need to unfold between the ancient authors, the modern and the contemporary in a cultural universe whose dimensions would be once no imagined. Some might even suspect that those works still offer. How is it possible, in this day and age, unfold and stick to what the ancient authors bequeathed us?

Keywords: Yiddish Literature. Mendel Mokher Sfarim. Martin Walser.

Outrora, nas escolas judaicas, estudava-se os hoje clássicos da literatura hebraica e ídiche. Nossos mestres eram provenientes do mesmo Leste europeu, onde aqueles escritores haviam brotado e conheciam a cultura judaica tão bem descrita nos livros por experiência própria. De modo geral, esses livros não constam mais das programações escolares.

Os estudiosos da atualidade dificilmente têm conhecimento do ídiche e, de todo modo, precisam desdobrar-se entre os autores antigos, os modernos e os contemporâneos num universo cultural cujas dimensões seriam outrora inimaginadas. Alguns talvez sequer desconfiam do valor que aquelas obras ainda oferecem. Quanto é possível, nos tempos atuais, desdobrar-se e ater-se àquilo que os antigos autores nos legaram?

O autor “antigo” em foco, neste artigo, é Mên dele Mocher Sfarim, conforme a pronúncia hebraica, ou Mên dele Môicher Sfórim, conforme a pronúncia *ashquenazita*, persona literária e pseudônimo de Sholem Yankev Abramóvitsh



[Bielorússia 1835, Ucrânia 1917]. Seu nome significa “Mêndele, o vendedor de livros”. E por que focalizar Mêndele hoje?

Porque Mêndele apareceu há pouco na imprensa israelense junto ao nome do destacado escritor alemão Martin Walser, fato certamente bastante inusitado. O que os liga? O fato de Walser ter publicado, no final de 2014, *Shmekendike blumen: Ein Denkmal/A dermonung für Sholem Yankev Abramovitsh*.¹

Alguns dados: Mêndele foi jornalista, ensaísta, autor de livros científicos, editor, educador e, principalmente, autor de ficção hebraica e ídiche. Como romancista, abordou a vida contemporânea judaica no Leste europeu e empenhou-se pela ideia central de orientar as mentes dos leitores em direção a uma realidade tangível e em distanciá-los de abstrações. Sua primeira novela em ídiche, *Dos kleyne mentshel*,² data de 1864. Apresentada como autobiografia autêntica em torno do tema da desilusão, envolve uma percepção falaciosa da realidade que acaba levando a uma visão sóbria baseada na razão e moralidade. Atenho-me aos livros que foram traduzidos ao português, destaque, em polo oposto, seu primeiro épico de escárnio, de 1878, a paródia *Kitser massoes Binyomin hashlishi*.³

Martin Walser, um dos mais destacados nomes da literatura alemã contemporânea, nasceu em 1927. Enquanto estudante, trabalhando em rádio, escreveu a sua primeira peça radiofônica. Completou o doutoramento em 1951 com uma tese sobre Franz Kafka. O primeiro dos seus mais de cinquenta livros foi publicado em 1957. Como figura pública, vivenciando os grandes e trágicos eventos da história alemã, tornou-se conhecido pelas posições políticas adotadas, com trocas de partidos e posições políticas, e um considerável número de manifestações. De todas, a mais polêmica e até hoje comentada foi o discurso *Erfahrungen beim Verfassen einer Sonntagsrede*⁴ que proferiu na antiga Igreja de São Paulo [Paulskirche] em Frankfurt, em 12 de outubro de 1998, ao ser agraciado com o prêmio *Friedenspreis des deutschen Buchhandels*, o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão.

Nesse discurso, que acirrou a controvérsia sobre o alegado antissemitismo de Walser, externou o seu cansaço por ter que continuar a se confrontar com Auschwitz e protestou contra o que denominou de "a instrumentalização do Holocausto". Entre outros temas, ele observou que

nenhuma pessoa sensata nega Auschwitz ou tergiversa sobre se Auschwitz foi realmente um evento horrível; no entanto, quando este passado é repetidamente mencionado na mídia, percebo que algo em mim se rebela contra esta apresentação incessante de nossa desgraça. Em vez de ser grato por esta apresentação interminável de nossa desgraça, eu começo a olhar para longe.⁵



Como ocorre em discursos desse teor, o que Walzer disse, na prática, em um texto considerado parcialmente obscuro, segundo comentário do jornalista israelense Amit Kravits,⁶ foi menos importante do que a maneira como as coisas se fixaram na memória do público alemão.

Era a primeira vez na história da Alemanha que um conceituado intelectual atacava publicamente a cultura da lembrança do país, condenando a difusão de Auschwitz em discursos sociais. Baseado em sua própria tendência de desviar o olhar quando confrontado, incessantemente, com imagens terríveis e insuportáveis do Holocausto, Walzer postulou que os lembretes implacáveis do Holocausto não eram propícios para promover processos significativos de memória.

São numerosos os textos, estudos e reportagem que fizeram referência ao discurso e às polêmicas que se seguiram, notadamente com Ignatz Bubis, então presidente do Conselho Central do Judaísmo Alemão. Das mais de mil pessoas presentes no evento da outorga do prêmio, somente Bubis e sua esposa se levantaram e deixaram o local onde se realizou a premiação, quando o escritor fez observações sobre a instrumentalização de Auschwitz e da memória do Holocausto. Bubis, em seguida, manifestou-se contra o homenageado na imprensa alemã. A batalha verbal se prolongou por algum tempo e, por fim, a questão foi dirimida quando ambos se encontraram, pouco tempo antes da morte de Bubis. O público somente acordou para os aspectos antijudaicos do discurso de Walzer quando Bubis, em discurso no 60º aniversário da Noite dos Cristais, expôs, item após item, a corrosiva intenção do autor alemão.

Rompendo o consenso da Alemanha há pouco unificada da necessidade de integrar a memória do terrível passado alemão na moldagem de uma identidade nacional, esse debate representou um sinal do novo relacionamento do país com o passado.

A publicação recente do livro sobre Mên dele, em que Walzer refuta várias de suas próprias manifestações referentes a judeus ou a temáticas ligadas a eles esboçadas por anos, fez com que, mais uma vez, voltasse à baila o alegado antissemitismo dele, entendido, com o passar dos anos, também em diversas outras obras e pronunciamentos, reavaliados em diversos estudos.

Após o referido discurso, a obra que mais despertou a atenção sobre a temática judaica em Walzer e sua posição daquela época foi o romance *Tod eines Kritikers*.⁷ Nele, o autor escreve sobre uma retaliação contra o mais famoso crítico da literatura da Alemanha, Marcel Reich-Ranicki, judeu polonês sobrevivente do Holocausto. No romance, o personagem central foi facilmente identificado com Reich-Ranicki. Walzer usou estereótipos antijudaicos a fim de difamar o crítico. Além de apontar para uma figura pública extremamente



conhecida, o livro gozou de grande atenção porque, devido ao seu teor, o editor do jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frank Schirmacher, recusou-se a publicar trechos da obra antes do seu lançamento. Houve um resultado extraordinário de vendas que não pôde, contudo, melhorar a apreciação negativa do livro. Ao seu lançamento, seguiu-se a publicação na imprensa de uma carta da conhecida professora e crítica literária, Ruth Klüger, sobrevivente de Auschwitz, com dura crítica à obra e ao seu autor, de quem até então era amiga e, que, nessa ocasião, rompeu com Walser. Ela escreveu:

Quando Walser esboça a imagem do crítico literário repulsivo como judeu, uma pessoa pode se perguntar se Walser se refere, de fato, ao poder destrutivo dos judeus na vida intelectual alemã.⁸

O estudioso da literatura alemã Matthias N. Lorenz, em *Auschwitz draengt uns auf einen Fleck – Judendarstellung und Auschwitzdiskurs bei Martin Walser*,⁹ apresenta evidências convincentes de que a obra de Walser, em geral, desde o início da década de 1960, possui indícios dessa tendência antijudaica. Menciona o fato, comentado agora igualmente por diversos outros autores, de que Walser, em um discurso em homenagem ao falecido filólogo Victor Klemperer, um judeu alemão assimilado que sobreviveu ao regime nazista permanecendo em Berlim e que escreveu um importante testemunho de suas experiências, argumenta que o Holocausto jamais teria ocorrido se todos os judeus alemães e europeus tivessem se assimilado tão bem como Klemperer. É preciso lembrar que esse estudioso, apesar da assimilação, também teria sido exterminado se não tivesse se casado com uma cristã alemã que o ajudou a ocultar-se.

Sobre Kafka, por exemplo, Walser se referiu no seu doutorado (algo que ele lamenta no livro atual) como uma espécie de escritor puro, sem qualquer ligação com o fato de ele ser judeu.

Ante estas considerações, o que levou Walser a escrever sobre Mêndele, autor que aparentemente não conheceu antes, que não escreveu em alemão, e a expor opiniões díspares em relação às posições que adotara durante décadas?

Walser chegou ao autor ídiche por intermédio do alentado livro *Mendele der Buchhändler: Leben und Werk des Sholem Yankev Abramovitsh*¹⁰ de Susanne Klingenstein, atuante nas universidades MIT, Harvard e Brandeis. Klingenstein dedicou o seu livro a Walser, e a obra sobre Mêndele, do autor alemão, é dedicada, por sua vez, a ela. Os dois escritores promoveram um debate sobre Mêndele e seus respectivos livros, disponíveis na internet.¹¹



Como entender que décadas depois de bater na tecla de que já não suportava ouvir a menção a Auschwitz, Walser exprima posição tão polarizada em relação à posição dos alemães quanto à culpa em relação aos judeus? Segundo ele,

O escopo de culpa alemã é quase incompreensível; falar sobre arrependimento nesse contexto é algo grotesco. Um assassinato continua sendo um assassinato. Ao longo dos anos, me dei conta de que nós, os alemães, somos culpados e devedores aos judeus para sempre. De modo incondicional. De modo absoluto. Sem qualquer ligação com a agitação de diferentes pontos de vista que ocorre de um lado ao outro. Não poderemos mais reparar-consertar. Tudo o que podemos fazer é agir o mínimo possível de forma incorreta.¹²

É natural que esta e outras declarações no livro despertem um espanto, provavelmente só não menor – imagino – do que o do próprio autor sentiu ao travar conhecimento com um universo que jamais imaginara existir e sua descrição. Na prática, o livro é a ressonância, ou uma espécie de interpretação, incompleta ou imperfeita, deve-se dizer, do trabalho de Klingenstein.

A leitura de obras de Mênделе abriu diante de Walser portões para o mundo de antes, de cuja existência, ele não tinha conhecimento. Para ele, não existira, antes, uma literatura judaica. O efeito desse encontro foi avassalador, porque parece que Walser travou contato, por meio da literatura, pela primeira vez, com personagens de carne e osso do passado. Aqueles judeus aos quais, conforme o dito comum, os alemães jamais perdoarão por Auschwitz e que foram para Walser nada mais do que vítimas silenciosas que incomodam a consciência alemã contemporânea atual, de repente, surgiram diante dele como personagens vivas e falantes.

Conforme Kravits cita do livro: “Quem lê Mendele, experimenta pela primeira vez a sensação de como os judeus se sentiram, sonharam, rezaram, como eles eram”. E continua:

Através de Mênделе, eu experimentei a literatura de forma diferente do que eu a experimentei até agora. Quando eu comecei a escrever romances predominava um conceito... Crítica social. Os escritores deviam escrever a partir da perspectiva de crítica social. O maior pecado naquela época era ser positivo em relação à sociedade, não ser crítico.



Para Walser, que não tem uma leitura ampla do autor ídiche, Mêndele representa exatamente o oposto. Ressalta o amor de Mêndele pelo seu povo. O Mêndele de Walser, ao contrário das leituras mais comuns, não chicoteia os judeus, nem a sátira e o sarcasmo são seus objetivos, mas o amor. No debate público entre os dois escritores, Klingenstein alega que a leitura de Walser é errônea, ou, pelo menos parcial e muito seletiva, pois Mêndele pretendeu, sim, criticar o seu povo e o fez principalmente por meio de sátira contundente.

Na introdução ao seu livro, Walser ainda se retrai da posição que adotara há mais de sessenta anos na tese que escreveu sobre Kafka. “Kafka é um escritor tão poderoso”, pensava então Walser, “que qualquer tentativa de ancorar sua arte em sua biografia parece desnecessária. Hoje, eu acredito, esta interpretação foi uma espécie de ato agressivo da ideologia artística. Eu perdi Kafka porque eu descrevi seus romances como uma estrutura arquitetônica em que não há pessoas”. Mêndele, portanto, permitiu a Walser ver Kafka também como um escritor judeu.

Kravitz chama a atenção para outro ponto importante no livro de Walser: o fato de Mêndele ter escrito em ídiche. Para Walser, essa questão possui vários significados. O primeiro resume-se nas seguintes palavras: “o fato de soldados alemães terem querido matar um povo que falava uma língua que tinha brotado de sua língua transforma a crueldade de seus atos também em um absurdo.” Tanto a língua em que Mêndele escreveu [originária do alemão], como o fato de ter deixado de lado a escrita em hebraico para atingir o leitor com a língua que este melhor falava e entendia – o ídiche, como o seu conteúdo literário, que revelou a Walser judeus de carne e osso daquele mundo perdido, e o fato de travar conhecimento com a existência de literatura judaica em geral, levaram-no a compreender a profundidade da atrocidade alemã. Terá Walser, afinal, aos 88 anos de idade, tratado, desse modo, de se penitenciar pelo que pensou e escreveu durante décadas? Pode-se crer na veracidade do que ele escreveu agora a partir da literatura de Mêndele? E, mais, será que isso fará alguma diferença na Alemanha?

De todo modo, mais uma vez e agora inadvertidamente, quase cem anos após a sua morte, Mêndele se prestou a um importante papel no pensamento contemporâneo. A leitura de outros “antigos” também pode trazer surpresas ao leitor do século 21. Pena que quase nada seja acessível a quem não lê as línguas em que aquelas obras foram escritas. Nem mesmo Walser está, ainda, disponível ao leitor brasileiro.

* Texto inspirado pelo artigo de Amit Kravitz publicado no jornal israelense *Haaretz* em 25 dez. 2015.



**** Nancy Rozenchan** é Professora Sênior de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo.

Notas

¹ WALSER, Martin. *Shmekendike blumen: Ein Denkmall/A dermonung für Sholem Yankev Abramovitsh*. Berlin. Rowohlt. [Flores cheirosas: um monumento / Uma recordação de Sholem Yankev Abramovitsh]

² Tradução brasileira: *O homenzinho* (Mêndeke Môikher Sfórim). Trad. Genha Migdal. São Paulo, Humanitas, 2012.

³ Tradução brasileira: *Viagens de Benjamin III*. Trad. Paula Beiguelman, 1942.

⁴ “Experiências ao escrever um discurso dominical”. Uma versão em inglês pode ser encontrada em *German History in Documents and Images*, v. 10. One Germany in Europe, 1989-2009. Disponível em: <http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=3426>. Fonte da tradução ao inglês: Martin Walser, “Experiences while Composing a Sunday Speech (1998),” In: *The Burden of the Past: Martin Walser on Modern German Identity: Texts, Contexts, Commentary*, by Thomas A. Kovach and Martin Walser. Rochester, New York: Camden House, 2008, p. 88-94. As traduções [reduzidas], de minha autoria, baseiam-se nessa versão em inglês.

⁵ *No serious person denies Auschwitz; no person who is still of sound mind quibbles about the horror of Auschwitz; but when this past is held up to me every day in the media, I notice that something in me rebels against this unceasing presentation of our disgrace. Instead of being grateful for this never-ending presentation of our disgrace, I begin to look away* (p. 20).

⁶ KRAVITZ, Amit. Mendele Mocher Sfarim ktrufa laantishemiut shel Martin Walzer [Mêndeke Mocher Sfarim como remédio para o antissemitismo de Martin Walzer]. *Haaretz*, 25 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/literature/study/.premium-1.2806666>> [em hebraico]. Acesso em: 28 dez. 2015.

⁷ *Tod eines Kritikers* [Morte de um crítico]. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2002.

⁸ Citado por Kravitz no mencionado artigo. Tradução minha [N.R.]

⁹ *Auschwitz draengt uns auf einen Fleck - Judendarstellung und Auschwitzdiskurs bei Martin Walser* [Auschwitz nos empurra em direção a uma nódoa – Representação judaica e discurso de Auschwitz em Martin Walser]. J. B. Metzler, 2055.

¹⁰ KLINGENSTEIN, Susanne. *Mendele der Buchhändler: Leben und Werk des Sholem Yankev Abramovitsh*. Judische Kultur. Studien Zur Geistesgeschichte, Religion Und Literatur (Book 27). Harrassowitz Verlag. Wiesbaden, 2014.



¹¹ Denis Scheck im Gespräch mit Martin Walser und Susanne Klingenstein. 23 out. 2014. Disponível em:

<<http://swrmediathek.de/player.htm?show=1a0cba80-59d7-11e4-ad57-0026b975f2e6>> via <<http://www.oguiadacidade.com.br/videos/watch/Vy-7sGVK68o>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

¹² Esta e outras citações do livro de Walser foram traduzidas pelas menções feitas ao mesmo em hebraico por Amir Kravitz.